

RESILIÊNCIA E VULNERABILIDADE EM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO¹

Claudio S. Hutz²
Silvia H. Koller
Denise R. Bandeira
CEP-RUA/UFRGS

Ao enfrentar situações *estressantes* no seu cotidiano, muitas crianças apresentam distúrbios evolutivos, problemas de conduta, desequilíbrio emocional. Porém, muitas outras superam as dificuldades impostas por um ambiente hostil e se desenvolvem dentro de padrões de normalidade, permanecem na escola, encontram trabalho e se tornam adultos socialmente competentes e produtivos.

Tradicionalmente, a Psicologia tem procurado explicações para a psicopatologia, para a doença, para o desvio. Porém, apenas recentemente, a atenção dos pesquisadores começou a se voltar para a questão do porquê e como algumas pessoas mantêm equilíbrio psicológico diante de situações estressantes de suas vidas, enquanto outras desistem, adoecem e perdem as esperanças. Que fatores ou processos favorecem a saúde, o ajustamento psicológico? Por que muitas crianças de nível sócio-

¹ Este trabalho resulta do esforço de montar um projeto de pesquisa do qual participam também Maria Angela Yunes (Fundação Universidade de Rio Grande), Neusa Recondo (Universidade Federal de Pelotas) e Nara Vieira Ramos (Universidade Federal de Santa Maria).

² Correspondência sobre este artigo deve ser endereçada aos autores, Instituto de Psicologia, UFRGS, Ramiro Barcelos 2600, Porto Alegre, RS, 90035-003.

econômico muito baixo conseguem se manter na escola, apesar da escola? Por que tantas crianças migram para as ruas e tantas outras que partilham da mesma miséria e marginalização seguem vivendo com a família? Efetivamente, pouco se sabe, pouco se tem estudado sobre pessoas que, apesar da adversidade, desenvolvem-se com um funcionamento psicológico relativamente sadio (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

Os termos resiliência, vulnerabilidade, fatores de proteção e de risco têm sido usado na literatura com sentidos variados. Neste artigo, o conceito de resiliência está relacionado com a variação individual em resposta a situações de risco (Rutter, 1987). Adotamos a definição de Rutter (1985) que caracteriza a resiliência como a capacidade de emitir uma ação com um objetivo definido e com uma estratégia de como alcançá-lo.

Vulnerabilidade diz respeito à predisposição individual para o desenvolvimento de psicopatologias ou de comportamento ineficazes em situações de crise. São respostas mal adaptadas que resultam em consequências negativas ao desenvolvimento psicológico (Zimmerman & Arunkumar, 1994). Em princípio, vulnerabilidade refere-se a todos aqueles elementos que agravam situações de risco ou impedem que os indivíduos respondam de forma satisfatória ao *stress*.

Risco relaciona-se com eventos negativos de vida. Parece haver unanimidade na literatura da área no sentido de que baixo nível sócio econômico é um fator importante de risco. A miséria, com todas suas intercorrências não favorece um desenvolvimento psicológico e social sadio. Luthar e Zigler (1991) verificaram que o nível sócio-econômico está entre os índices de *stress* mais investigados. Algumas situações que caracterizam famílias pobres operam como fatores de alto risco, tais como: ocupação de baixo *status* dos pais, baixa escolaridade, famílias numerosas, e ausência de um dos pais. Vários outros fatores de risco foram identificados em diferentes áreas. Entre eles, *stress* da família, frequência de eventos negativos na vida, saúde mental da família, perspectivas dos pais quanto ao desenvolvimento das crianças, interação entre pais e filhos, entre outros.

Mecanismos, fatores ou processos protetivos referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis que predisõem a consequências mal adaptativas (Rutter, 1985). Atenção especial deve ser dada aos processos evolutivos que despertam as habilidades de lidar com o *stress* e a adversidade futura

e possibilitam a superação de prejuízos psicológicos do passado (Rutter, 1993).

Masten e Garmezy (1985) identificam três fatores de proteção que são fundamentais ao desenvolvimento da criança: (1) características de personalidade, tais como autonomia, auto-estima e orientação social positiva; (2) coesão familiar e ausência de conflitos; e (3) disponibilidade de sistemas externos de apoio que encorajem e reforcem a capacidade da criança para lidar com as circunstâncias de vida. Estudos sobre resiliência e vulnerabilidade têm focado vários aspectos relacionados a competência social, competência acadêmica e ajustamento psicológico (Luthar & Zigler, 1991), descrevendo características de indivíduos resilientes (Luthar, 1993). Porém, vários estudos têm mostrado que resiliência não é um fenômeno geral, isto é, as pessoas não são resilientes todo o tempo em todas as áreas. Indivíduos que lidam bem com algumas situações estressantes podem reagir adversamente quando a situação é diferente, ou seja, se a circunstância muda, a resiliência se altera (Luthar, 1991; Rutter, 1987). Rutter (1985) acrescenta que a resistência ao *stress* é relativa, sendo que as suas bases são ambientais e constitucionais, podendo variar também com o passar do tempo.

Mais recentemente, Luthar (1993) sugeriu que a pesquisa na área deveria focar (e tentar definir claramente) três tipos distintos de resiliência: acadêmica, social e emocional. Aparentemente, ser resiliente em uma dessas áreas não garante que o indivíduo será resiliente nas outras duas. Nossa pesquisa com crianças de rua é ilustrativa de que o fracasso escolar não impede alta resiliência social (Koller, Forster, Hutz, Santos, Silva, & Frohlich, 1994) ou emocional (DeSouza, Koller, Hutz, & Forster, 1995).

A escola tem uma influência significativa no desenvolvimento infantil. Porém, tem tanto o potencial de aumentar o risco quanto o de proteger as crianças. Todos os aspectos da organização da escola, treinamento e motivação dos professores, equipe técnica, etc., são associados com o desenvolvimento maior ou menor da resiliência acadêmica. Mesmo o tamanho físico da escola foi associado com o índice de evasão escolar, sendo as escolas pequenas mais protetivas (Rumberger, 1987). Por outro lado, a escola oportuniza a realização de algumas intervenções que auxiliam no desenvolvimento de habilidades, facilitam a aprendizagem de como lidar com o *stress* e levam a redução de comportamentos de risco (Pedro-Carroll & Cowen, 1985). Rutter (1987) sugere que as escolas po-

dem também promover oportunidades que aumentam a auto-estima e a auto-eficácia dos estudantes, capacitando-os a desenvolver habilidades sociais e para a resolução de problemas, e proporcionando experiências de sucesso. Em seu estudo de 1993, Rutter observou que crianças oriundas de famílias de nível sócio-econômico muito baixo conseguem planejar melhor suas vidas quando vivenciam experiências positivas na escola. É importante também salientar a demonstração de Dubois, Felner, Brand, Adams e Evans (1992) de que o estabelecimento de sólidos vínculos com a escola proporciona apoio capaz de amenizar condições hostis que a criança enfrenta em casa ou em outros ambientes fora da escola. Para Koller (1996) as escolas têm influência significativa no desenvolvimento de crianças e de adolescentes. As crianças permanecem na escola durante muitas horas do dia e as experiências proporcionadas neste ambiente podem afetá-la de múltiplas formas. Tais experiências contribuem ao expor as crianças a fatores de risco ou a fatores protetivos, colocando em cheque a sua resiliência e vulnerabilidade. A literatura identifica três tipos de resiliência, que podem ser fortalecidas na escola: a acadêmica, a emocional e a social. Com relação à resiliência acadêmica, a escola pode facilitar o aumento e o fortalecimento de habilidades de resolução de problemas e a aprendizagem de novas estratégias. Pode ainda, capacitar professores para auxiliar estudantes com dificuldades. A resiliência emocional pode ser adquirida através de experiências que promovam auto-estima e auto-eficácia, oportunizando o sucesso e a capacitação no desenvolvimento de competência social. Quanto à resiliência social, a escola tem um importante papel, propiciando relações de amizades, grupos de trabalho, grupos esportivos, entre outros. No entanto, a resiliência social aparecerá principalmente, quando uma criança desenvolve um senso de pertinência a seu grupo, o que aumenta sua motivação para a tarefa e a melhoria no desempenho. Para crianças em situação de risco social ou pessoal, a escola é fundamental para apoiá-las e protegê-las contra a violência doméstica e o stress de suas casas e de outros ambientes não-escolares. Tendo em vista que em nossa realidade, muitas escolas têm se preocupado apenas em avaliar os resultados acadêmicos e o desempenho das crianças, serão discutidas alternativas identificadas em pesquisas sobre como avaliar fatores de proteção e identificar fatores de risco. Programas de avaliação de escolas devem ser desenvolvidos para auxiliar em estratégias de fortalecimento da resiliência. Porém, exceto por um pequeno conjunto de estudos, o

papel da escola tem recebido pouca atenção na investigação dos processos de resiliência (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

A resiliência social envolve vários aspectos, tais como o não envolvimento em delinquência, o ter um grupo de amigos, vínculo com a escola, supervisão parental, relacionamentos íntimos, estrutura familiar e observação de modelos pró-sociais como mecanismos protetivos (Rutter, 1985). Luthar e Zigler (1991) acrescentam que, caracteristicamente, adolescentes resilientes mantêm uma rede de relacionamentos com amigos de mesma idade e mais velhos, com padres, pastores, membros de uma igreja ou membros de organizações juvenis, com membros de equipes de programas de intervenção e, em alguns casos, com professores. A família pode ser um importante fator para o desenvolvimento de crianças resilientes e ou vulneráveis. O bom relacionamento familiar, competência materna, capacidade de transmitir valores, etc., seriam fatores que favoreceriam o desenvolvimento da resiliência. Entre crianças de famílias desprivilegiadas, atitudes positivas dos pais sobre a importância da educação para o sucesso na vida também ajudariam as crianças a serem mais competentes socialmente e academicamente no futuro (Luthar & Zigler, 1991). Gill, Reynolds e Pai (1995) afirmam que crianças, cujos pais são caracterizados como "altamente envolvidos" com a escola e têm altas expectativas com relação à educação de seus filhos, mas apresentam níveis de *stress* alto na família, desempenham significativamente melhor em leitura e matemática e ajustam-se com mais facilidade à escola do que as demais crianças.

Abordando a questão do desenvolvimento da resiliência emocional, Rutter (1985) identifica como fatores importantes as experiências positivas que levam a sentimentos de auto-eficácia, autonomia e auto-estima, capacidade para lidar com mudanças e adaptações, e um repertório amplo de abordagens para solução de problemas. Luthar (1991) e Luthar e Zigler (1991) também mostraram que crianças emocionalmente resilientes apresentam altos índices de empatia, *locus* de controle interno e desenvolvimento do ego (no sentido proposto por Loevinger, 1976, 1985).

Estudos sobre resiliência têm tentado avaliar *stress* e competência, investigando que elementos evolutivos e sócio-demográficos funcionam tanto como fatores de vulnerabilidade, quanto como fatores de proteção. Porém, tipicamente os estudos sobre resiliência têm adotado uma estratégia básica comum. Um grupo de crianças ou adolescentes

(geralmente de vizinhanças pobres em grandes centros urbanos nos Estados Unidos) é selecionado e avalia-se sua situação acadêmica, social e emocional (Werner, 1989). Fatores de vulnerabilidade e de proteção são obtidos (geralmente a partir das próprias informações do grupo). Análises de regressão são então realizadas e percentuais de variância explicada são obtidos para cada variável e para algumas interações. Esse modelo de pesquisa, metodologicamente apropriado para detectar variáveis que de alguma forma se correlacionam com resiliência, é insatisfatório para uma compreensão da dinâmica dos fatores envolvidos. O número de variáveis é muito grande e os estudos isolados que têm sido feitos, inclusive por limitações amostrais, não puderam investigar muitas variáveis simultaneamente. A validade desses resultados é ainda uma questão aberta e, evidentemente, a possibilidade de generalização para outras culturas é totalmente desconhecida. As diferenças culturais entre os pobres das grandes cidades americanas e os habitantes das nossas favelas e vilas são de tal magnitude que não é razoável supor que os mesmos fatores atuem da mesma forma em ambas sociedades. Portanto, se desejarmos conduzir programas sociais capazes de melhorar o prognóstico e a qualidade de vida das nossas populações pobres e marginalizadas, teremos que produzir localmente o conhecimento necessário para entender com clareza qual o nível de *stress* produzido pelos fatores da vida cotidiana e que variáveis ou processos aumentam a vulnerabilidade ou protegem os indivíduos do risco produzido por esses eventos.

A investigação dos fatores e processos psicológicos e sociais que protegem os indivíduos e os tornam menos vulneráveis ao *stress* da vida cotidiana em situação de extrema pobreza poderá não apenas dar uma contribuição teórica ao estudo da resiliência, mas também gerar conhecimento capaz de subsidiar programas comunitários, preventivos e educacionais, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida de grupos marginalizados ou que vivem em situação de miséria.

Referências Bibliográficas

- DeSouza, E., Koller, S. H., Hutz, C. S., & Forster, L. M. (1995). Preventing depression among Brazilian street children. *Interamerican Journal of Psychology*, 29, 261-265.

- Dubois, D. L., Felner, R. D., Brand, S., Adams, A. M., & Evans, E. G. (1992). A prospective study of life stress, social support, and adaptation in early adolescence. *Child Development, 63*, 542-557.
- Gill, S., Reynolds, A. J., & Pai, S. (1995). Parent types and academic achievement of children at risk: A longitudinal study. *Trabalho apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development*, Indianapolis, EUA.
- Hutz, C. S., Koller, S. H., Bandeira, D. R., & Forster, L. M. (1995). *Methodological and ethical issues in research with street children*. ERIC Document Reproduction Service No. PS 023 280.
- Koller, S. H. (1996). Influência da escola para o fortalecimento de crianças resilientes. XXVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, SP.
- Koller, S. H., Forster, L., Hutz, C. S., Santos, R., Silva, M. S., & Frohlich, C. (1994). Meninos e meninas de rua: Família, educação e trabalho. *Revista do Ensino, 180*, 6-7.
- Loevinger, J. (1976). *Ego development: Conceptions and theories*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Loevinger, J. (1985). Revision of the Sentence Completion Test for Ego Development. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*, 420-427.
- Luthar, S. S. (1991). Vulnerability and resilience: A study of high-risk adolescents. *Child development, 62*, 600-616.
- Luthar, S. S. (1993). Annotation: Methodological and conceptual issues in research on childhood resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatric, 34*, 441-453.
- Luthar, S. S., & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. *American Journal of Orthopsychiatry, 61*, 6-22.
- Masten, A. S., & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.). *Advances in Clinical Child Psychology*, Vol. 8, eds. Plenum Press, New York.
- Pedro-Carroll, J. L., & Cowen, E. L. (1985). The children of divorce intervention project: An investigation of the efficacy of a school-based prevention program. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*, 603-611.

- Rumberger, R. W. (1987). High school dropouts: A review of issues and evidence. *Review of Educational Research, 57*, 101-121.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry, 147*, 598-611.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry, 57*, 316-331.
- Rutter, M. (1993). Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health, 14*, 626-631.
- Rutter, M., & Quinton, D. (1984). Long-term follow-up of women institutionalized in childhood: Factors promoting good functioning in adult life. *British Journal of Developmental Psychology, 18*, 225-234.
- Werner, E. E. (1989). High-risk children in young adult hood: A longitudinal study from birth to 32 years. *American Journal of Orthopsychiatry, 59*, 72-81.
- Zimmerman, M. A., & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. *Social Policy Report, 8*, 1-18.